

Entrevista de Julia Monteiro Viana com a Professora Maria Lucia Lee (Inverno, 2022)

Julia Monteiro Viana

Universidade Estadual de Campinas
Campinas, SP, Brasil
viana.juliamonteiro@gmail.com
orcid.org/0000-0002-3163-9048

Resumo | Maria Lucia Lee é formada em Física na Faculdade de Ciências da USP (1972) trabalhou como analista de sistemas até o ano de 1980 quando decidiu se dedicar às artes corporais terapêuticas da Medicina Tradicional Chinesa (MTC). Desde então transmite, pesquisa e estuda estas artes. A presente entrevista trata de questões desenvolvidas a partir da convocatória da Revista Conceição para criação de um dossiê sobre ancestralidade e cosmopercepções. Através de uma conversa fluida, a entrevistada conta sobre seus processos de vida, a história de sua família e sua trajetória de pesquisa e prática dentro do campo da Medicina Tradicional Chinesa.

PALAVRAS-CHAVE: Ancestralidade. Medicina Tradicional Chinesa. Corpo.

Julia Monteiro Viana's interview with Professor Maria Lucia Lee (Winter, 2022)

Abstract | Maria Lucia Lee is graduated in Physics at the Faculty of Sciences of USP (1972). She worked as a systems analyst until 1980 when she decided to dedicate herself to the therapeutic body arts of Traditional Chinese Medicine. Since then, she transmits, researches and studies these arts.

This interview approaches questions developed from the Conception open call to create a dossier about ancestry and cosmo perceptions. Through a fluid conversation, the interviewed Professor Maria Lucia Lee tells us about her life processes, her family history and her path of practices and research inside Traditional Chinese Medicine.

KEYWORDS: Ancestry. Traditional Chinese Medicine. Body.

Entrevista de Julia Monteiro Viana con la profesora Maria Lucia Lee (Invierno, 2022)

Resumen | Maria Lucia Lee se graduó en Física en la Facultad de Ciencias de la USP (1972). Trabajó como analista de sistemas hasta 1980 cuando decidió dedicarse a las artes corporales terapéuticas de la Medicina Tradicional China (MTC). Desde entonces, transmite, investiga y estudia estas artes.

Esta entrevista trata temas desarrollados a partir de la convocatoria de la Revista Conceição para la creación de un dossier sobre ancestralidad y cosmopercepciones. Mediante una conversación fluida, la entrevistada cuenta sus procesos de vida, su historia familiar y su trayectoria investigativa y práctica dentro del campo de la Medicina Tradicional China.

PALABRAS CLAVE: Ancestralidad. Medicina Tradicional China. Cuerpo.

Enviado em: 20/11/2022
Aceito em: 09/12/2022
Publicado em: 14/12/2022

Julia: Qual a sua relação com a palavra origem? Gostaria de começar nossa entrevista conversando sobre como você percebe a noção de origem, na sua vida pessoal e também no contexto das práticas corporais chinesas.

Lucia: Eu nasci na China, em 1949, numa época muito conturbada. No ano de meu nascimento, a guerra da invasão japonesa no norte da China tinha terminado, mas tinha início a revolução comunista liderada pelo Mao Tsé-Tung, que se alastrou por todo território chinês. Meus pais foram obrigados a fugir dos conflitos, até que se refugiaram na Ilha Formosa, Taiwan. Minha mãe, que estava grávida de mim, me deu à luz na Ilha Formosa. Meu pai me deu um nome que significava o desejo dele, de que houvesse paz no ar e no mar, que é Manhan (em chinês). Somente onze pessoas da minha família conseguiram se refugiar em Formosa (Taiwan). Em Formosa, meu pai não quis ficar lá, a China tinha fechado suas fronteiras e não podíamos mais voltar. Então, ele escolheu o Brasil, do outro lado do mundo, para ser a nossa nova pátria. Ele veio antes, sozinho, para fazer um reconhecimento, e nos mandou uma mensagem dizendo: "No Brasil, as pessoas e o clima são generosos. Tem muito espaço na terra. No céu, os pássaros voam livremente. No mar, os peixes nadam livremente. Então, é aqui que nós vamos ficar". E, então, a família embarcou em um navio de bandeira holandesa para vir para o Brasil. Foram três meses de viagem até chegar aqui. Eu completei dois anos quando o navio dobrou o Cabo da Boa Esperança, no oceano Atlântico. Assim, começamos uma vida nova, aqui no Brasil, a nossa nova pátria.

Julia: Então essa é sua origem.

Lucia: Essa é a minha origem.

Julia: E os movimentos, no contexto das práticas corporais chinesas, Lucia? Eu gosto muito quando você fala que, às vezes, a gente vê alguém fazendo um movimento (das práticas) e a gente acha que o movimento começou pela mão, por exemplo. E você fala que o movimento não começa assim, né? Tão externamente. Tem a circulação do *Qi*...

Lucia: É, o verdadeiro movimento começa da serenidade. O movimento começa do não movimento. Tanto que, nas práticas chinesas, a gente sempre inicia o movimento para o lado esquerdo. Porque para medicina chinesa o lado esquerdo das pessoas é *yang*, é movimento, e o lado direito é *yin*, é estabilidade, é serenidade. Então, o movimento, para ser verdadeiro, deve partir de um não movimento, ou de uma serenidade, ou de um vazio. Porque o movimento que nasce do movimento, não se sustenta, não é verdadeiro.

Julia: Quando você fala do yin e do yang, uma coisa que sempre me vem no pensamento é que, aqui (nas culturas ocidentalizadas), a gente tem uma percepção de que ou é uma coisa ou é outra, e o *yin* e o *yang* é o *yin* e o *yang* (e não o *yin* ou o *yang*). Um está dentro do outro, né? Nesse movimento. Eu acho que isso é uma coisa que, às vezes, para gente, é difícil de assimilar. Porque a gente trabalha

mais com essa percepção de que ou é uma coisa ou é outra.

Lucia: Acho que as pessoas que adquirem uma maestria no que fazem já tem a unidade do *yin/yang* implícita. Talvez eles nem tenham consciência disso. Quando o *yin* e o *yang* estão harmonizados num movimento ou numa ação, tem-se continuidade e longevidade, seja na arte ou na vida. Um esportista tem que parar aos 36 anos devido ao muito uso da força muscular, mas, na arte da vida, as pessoas são longevas, pois através da prática adquirem um *know how*, o saber como, uma maestria no fazer.

Julia: E que vai se transformando ao longo do tempo, né? Às vezes, no esporte, acontece de querer cristalizar a pessoa naquele ápice de rendimento, naquela alta performance. E, aí, chega o momento em que isso não é mais possível. Na arte, isso também existe, mas parece que existem algumas brechas...

Lucia: É, o esporte tem o aspecto da competitividade. O fato de ser competitivo já rouba um tanto da maestria, do *kung fu* deles, porque grande parte da intenção está na competição. Diferente da arte, em que os artistas que realmente chegam numa realização não estavam competindo com ninguém. Se eles estivessem, eles não teriam chegado no nível que eles chegaram. Se ele chegou lá naquele nível é porque ele estava competindo com ele mesmo, querendo evoluir.

Julia: Então, é uma outra qualidade de competição, de relação...

Lucia: Sim, de relação. Talvez, às vezes, a fama atrapalhe o artista.

Julia: Outra coisa que, enquanto você vai falando, eu vou relacionando também, tanto da sua história como das coisas com as quais você trabalha e estuda, são esses conceitos como o do *yin yang*, que estão expandidos na vida mesmo. Então, não são conceitos estritamente teóricos, ou limitados às práticas corporais, terapêuticas, ou apenas pertencentes ao universo da medicina. É uma relação que acontece...

Lucia: É uma lei. Da natureza.

Julia: É uma lei! A noção de *Qi*, que existe também, não está restrita a um campo do conhecimento, ou a uma área do saber, a uma disciplina. É uma coisa que está também expandida. É uma percepção, uma forma de perceber o mundo.

Lucia: É um conhecimento.

Julia: Eu queria que você falasse um pouco sobre como é para você se relacionar com esse conhecimento. No sentido da sua história, da sua família ser chinesa, de vocês terem vindo para o Brasil, de você vir de uma cultura que está organizada e construída a partir desses conceitos e leis da natureza e, ao mesmo tempo, chegar e estar em uma outra cultura que está construída e organizada por outros conceitos,

outras leis...

Lucia: Outras bases.

Julia: É. Como é isso? Se você puder falar um pouco sobre a relação entre as duas culturas a partir da sua vivência...

Lucia: Isso é bem interessante. Cheguei com dois anos de idade ao Ocidente, em 1952. Na época, o Ocidente sabia muito pouco sobre o Oriente. A gente veio primeiro para o Rio de Janeiro, depois, para Campinas e, depois, para São Paulo. As pessoas nos estranharam muito por causa das feições, por causa das roupas. Mas, ainda assim, como o povo é generoso, a gente teve muita ajuda, muito apoio. Mas eu lembro que quando eu era pequena e ia para escola, eu notava essa diferença. Principalmente na personalidade das crianças ocidentais. Elas eram muito expansivas, falavam e se expressavam. Eu era muito calada, porque dentro de casa era essa a cultura oriental, que fazia com que a gente fosse mais introspectiva. E é claro que você se atrai, você se impressiona por aquilo que lhe é diferente, né? E eu lembro que as coleguinhas me achavam diferente. Os opostos se atraem, né? Então, são as experiências de vida em que você descobre que é legal você ser, mas também é legal deixar de ser assim. Você deixar de ser de um jeito para ser de outro. Mas a base da minha personalidade é oriental, sou mais introspectiva.

Julia: Você está falando sobre isso e eu estou pensando nessa vinda de vocês para cá, nesse reconhecimento de quem vocês eram, nessas diferenças, e como era a relação de vocês, que tinham recém migrado, com os antepassados de vocês. Se era uma coisa que desde criança se falava dentro de casa, entre a família, da relação com os antepassados ou se foi algo que você sentiu uma conexão maior quando você escolheu pelo caminho das práticas corporais chinesas, uma busca e um interesse nessa relação entre você e o passado, de onde você veio, a relação com os ...

Lucia: Com os antepassados. Na China, o culto aos antepassados é muito forte. Eu acho que é forte no sentido de que a organização da família daquela época era estruturada de uma forma em que todo mundo ficava muito junto. Ficava muito junto quer dizer que você morava no mesmo lugar em que o pai, a mãe, a avó, o avô, a bisavó. Sabe? Todo mundo junto. E os mais velhos sempre tinham uma prevalência, uma relevância, no sentido do respeito etc. E, também, tinha o culto aos antepassados, de você respeitar os antepassados. Mas, de certa maneira, na minha história, isso foi interrompido, quer dizer, com a mudança para o Brasil, grande parte da família ficou lá na China, o passado ficou lá e a gente veio para o Brasil. Então, foi um corte muito forte. A minha mãe lá na China era budista, seguia os rituais budistas. Aqui no Brasil, na época, era raro o budismo, então ela seguiu o catolicismo. Ia na missa todo domingo. Isso me faz ver que, dependendo de onde você está, ser budista ou católica, não importa, o que importa é expressar a sua fé. Tanto que não teve problema nenhum, crise nenhuma, de minha mãe passar do

budismo para o catolicismo.

Julia: Talvez ela estivesse mais conectada com uma prática espiritual, do que necessariamente com os símbolos...

Lucia: É. Era uma necessidade de uma prática espiritual.

Julia: E você, quando você fez essa escolha pelo caminho das práticas corporais terapêuticas chinesas, você sente que foi de alguma maneira... Teve essa viagem da China para o Brasil, esse corte.... Quando você escolhe se aprofundar e trabalhar com as práticas corporais terapêuticas chinesas de alguma maneira te reconectou, assim...

Lucia: Com esse universo chinês?

Julia: Sim, com esse universo chinês. Acho que essa noção de tempo também, que a gente (ocidentalizado) fica para trás e para frente, é uma coisa linear, bastante característico das culturas ocidentais né. Mas não necessariamente é assim... Mas você sente que teve uma relação de se conectar com o universo chinês, de se conectar com a tua origem, da tua família, da tua história, de quem você era, de onde você tinha vindo...?

Lucia: Eu acho que isso vai de cada um né? Dos irmãos, eu era a mais introspectiva, com tendência de assimilar mais a cultura chinesa e de me conectar a ela. Assim, as práticas chinesas me chamavam muito a atenção: eram movimentos meditativos, de cadência lenta, de estar consigo mesmo. Isso me atraía. Ao mesmo tempo tem um lado meu com tendência de ensinar pessoas. Não só de ensinar, mas também de participar e aprender junto. Era uma forma de, juntos, buscarmos conhecimento. Eu via, nas práticas chinesas, uma forma de chegar nos ocidentais.

Julia: Uma ponte.

Lucia: Uma ponte. Esse também foi um dos grandes estímulos para fazer essa ponte com o ocidental, entre essas diferenças que eu via entre o Oriente e o Ocidente, o ocidental muito expansivo, e o oriental muito introspectivo. A partir do corpo, vi uma forma de chegar no ocidental. Sem palavras, através de fazer uma prática junto, de estar dialogando, com o coração, com o movimento. Porque eu sempre busquei essa integração entre o Oriente e o Ocidente dentro de mim. Então as práticas chinesas se revelaram como uma forma de eu poder dialogar com o ocidental. E, não só isso, mas também mostrar esse pensamento diferente, do Oriente, para o ocidental. Eu achava que isso ampliaria bastante a consciência das pessoas. Às vezes, uma pessoa tinha uma dificuldade no corpo e, quando essa dificuldade era superada, o pensamento da pessoa também se ampliava. E, também, as práticas holísticas orientais permitem às pessoas viver com mais tranquilidade, sem muitas dores.

Julia: Saber se cuidar.

Lucia: Saber se cuidar, circular energia. Então, foram todos esses fatores que fizeram com que eu me dedicasse a ensinar e pesquisar as práticas corporais chinesas. Isso foi em 1980, quando ainda não sabia nada da cultura chinesa, aqui no Brasil.

Julia: Você falou dessa coisa, de entender a prática como uma possibilidade de chegar no ocidental que fosse pelo corpo né? Sem palavras. Que talvez essa fosse a ponte, isso fosse a ponte possível de conectar (Ocidente e Oriente). E, aí, eu fiquei pensando como, às vezes, por exemplo, a noção de *Qi* é uma coisa muito difícil da gente entender pelas palavras. Às vezes, você entende no sentido racional, você lê e entende. Mas, pelo corpo, parece que é mais compreensível do que talvez por um discurso, por uma fala. E você tem falado muito sobre o corpo de *Qi* nas práticas. Se você quiser falar um pouco sobre isso também, acho que seria interessante. Mesmo sabendo que, na prática, através do corpo, pelo sensível, é que a conexão e a compreensão acontecem. Mas, talvez, falar sobre esse seu campo de pesquisa e de estudos.

Lucia: Na verdade, o sopro, o *Qi*, faz parte da medicina chinesa e também do pensamento chinês e, lá, não existe nenhum tipo de necessidade de tentar comprovar, de querer mostrar que ele existe. Eles (os chineses) sabem que existe. Os físicos ocidentais sabem que existe o éter, que ocupa todos os espaços vazios do universo que o sustenta. Mas eles nunca conseguiram através dos experimentos mostrar a sua existência. Einstein mesmo dizia não ser possível que não exista nada nesse espaço vazio. Porque como é que toda luz, ondas etc. fluem? Como? Mas nunca conseguiram provar. Os gregos falam do pneuma que é a alma, essa espécie de ar vital que preenche os vazios do corpo. No pensamento chinês, temos três corpos: o corpo físico, o corpo das emoções e o corpo mental. As práticas chinesas holísticas da medicina tradicional chinesa potencializam o corpo invisível, que flui por entre o corpo físico, que é chamado de corpo de *Qi*, ou corpo do ar vital ou pneuma ou o éter. Mas, esse *Qi*, esse corpo invisível que está dentro desse corpo físico, não é simplesmente um ar vital, um sopro. Ele é também informação, autopercepção, consciência. Para o ocidental, que é muito ligado no corpo físico visível, é difícil acessar esse outro corpo. Mas é pelo corpo de *Qi* as circulações acontecem e repercutem no corpo físico. As práticas corporais chinesas potencializam o corpo de *Qi* e criam um campo bioenergético que nos protege e nutre.

Julia: Uau! Fui longe agora. Longe, assim, no sentido da expansão do pensamento. De tudo que você falou, me dá vontade de perguntar mais coisas... acho que eu vou perguntar! Quando você fala do corpo de *Qi* e o relaciona com essas outras noções, do corpo e tal, não é um corpo que se encerra nele mesmo, né? É um corpo que está em relação. Quando você fala "proteger e nutrir o corpo (de *Qi*)" também é porque existe uma relação, né? Então o que eu estou pensando é que não adianta ter um trabalho que você fortalece esse corpo, como se ele se encerrasse nele

mesmo, porque ele está o tempo todo recebendo e transmitindo, né? E que tem a ver com essa noção do *Qi*, que está circulando por todas as coisas e não só no que a gente, no Ocidente, entende como o que é vivo (que é diferente do que não é vivo). Parece que o *Qi* ultrapassa um pouco essa categoria das coisas, né?

Lúcia: Na verdade, é tudo holístico. Eu falo do corpo de *Qi*, porque ele também faz parte de outros sistemas. Existe essa rede de meridianos por onde circula o *Qi*. O *Qi* é uma das partes do sistema, até corporal mesmo, fisiológico-corporal, mas, também, faz parte da natureza, ou seja, tudo se interconecta. Tudo é o todo. Cada parte é um todo. O corpo de *Qi* é gerado a partir de céu e terra, ou seja, ele é gerado a partir da nossa essência, com a qual a gente nasce, essa essência que fica nos rins e é doada pelos pais, que fica aqui, embaixo [ela aponta para região abaixo do umbigo]. E é gerado, também, a partir dessa força que vem do céu, das virtudes celestes que nos atravessam, que é o nosso coração. Então, esse sopro, que é produzido pelo coração, desce. Coração é fogo. Esse fogo, que desce até a essência, que é água, faz uma transmutação dessa água. Como se houvesse esse casamento entre céu (coração, fogo) e terra (essência dos rins, água). Então, desse casamento nasce o sopro. Porque a essência, por si só, não tem movimento; é uma essência, é uma coisa mais densa, aqui, embaixo [apontando novamente para região abaixo do umbigo]. Ela só vai ter movimento quando for estimulada por esse fogo, que vem de cima, e aquece essa essência, que se transforma em sopro, que tem movimento, que é levado para todo o seu corpo. Só que o sopro, como ele é nascido desse cruzamento do céu e terra, da essência, do rim, e do espírito, do coração, ele leva o seu espírito e a sua essência também, porque ele, o sopro, é o herdeiro. O *Qi*, o sopro, é o intermediário, o mediador. Por isso que as práticas chinesas trabalham o *Qi*, para atingir o espírito e a essência. Nós somos cruzamento entre céu e terra. No *Dao De Jing*, diz-se que a nossa vida é na terra, mas o nosso destino está no céu. Que os sopros espalham, mas as virtudes são celestes. Tem virtudes que a gente precisa ter, que vem do céu. Só que isso está muito esquecido hoje em dia.

Julia: É... uma das perguntas que eu ia te fazer em relação a isso, era sobre essa dimensão espiritual, no sentido da espiritualidade, no teu trabalho, nas práticas. Como você observa e observava, na época da Unicamp, enfim, em todas as formações que você já deu e realizou, ao longo da sua trajetória com as práticas, essa relação com a dimensão espiritual, essa relação com a espiritualidade? Pensando que, no Ocidente, normalmente tudo é muito separado. O lugar de trabalhar, o lugar de cuidar do corpo, o lugar da prática espiritual etc. É tudo fragmentado.

Lucia: Acho que, desde o início, eu sempre me preocupei com as virtudes que vem do céu ou a espiritualidade, dentro das práticas. Então, eu achava isso mais importante do que dar as especificações, os padrões técnicos da prática. Eu procurava, inclusive, justificar ou significar esses padrões técnicos para conseguir uma certa espiritualidade. Por exemplo, o padrão técnico não existe por existir, ele tem um sentido, que talvez seja dar passagem para esse fluxo celeste, para não

bloqueá-lo. Eu sempre tive essa preocupação.

Julia: Eu acho que você tem essa coisa muito especial de buscar a ponte. E, você buscando isso dentro de você, de alguma maneira, busca fora também. Constrói fora. Construindo isso dentro de você, constrói fora também. E, aí, acho que isso te dá um lugar muito específico, de conseguir...

Lucia: Transitar ou integrar essas duas partes.

Julia: É! De conseguir estar lá e cá ao mesmo tempo. E não lá ou cá. Como o que a gente estava falando [sobre o *yin/yang*], de que uma coisa está dentro da outra. Isso te dá a possibilidade de ir encontrando maneiras de transmitir e receber, e transmitir de volta, e ir concretizando essa ponte que você busca.

Lucia: Os chineses não são muito intelectuais, são ingênuos. Então, muitas vezes, os mestres chineses falam por metáforas. Acho que, por isso, as práticas chinesas não são bem entendidas pela exigente intelectualidade do Ocidente. Eles vão encarar esse jeito infantil de explicar as coisas como se fosse "não científico". Os chineses se baseiam mais na prática do que na teoria. As práticas, por vezes, são muito simples, mas muito profundas no alcance de sua ação.

Julia: Sim... Daí, pro ocidental, às vezes, fica difícil de acreditar, né? Digamos assim...

Lucia: Por exemplo no *Tai Ji Quan* os movimentos são simples. Não se utiliza da força física, mas a força interna da intenção.

Julia: São outros desafios, são outras intenções com o movimento. Acho que, também, tem a ver com o que você estava falando sobre o movimento, que não é um movimento pelo movimento, e nem uma prática pela técnica. Ela tem outra intenção. Ela está trabalhando outras camadas que, se você focar só em uma, fica muito superficial.

Lucia: Sim, superficial.

Julia: Voltando um pouco, naquilo que você estava falando, da prática ser uma maneira de desbloquear...

Lucia: O fluxo celeste e terrestre.

Julia: Sim, e também dessa transmissão que não é pela palavra, que é pelo corpo. Me deu vontade perguntar, de te ouvir falar, sobre como essas práticas são milenares, elas existem há muito tempo, e vão sendo passadas de geração a geração, justamente pelo movimento e pelo corpo. Sem a necessidade, até então, de elaborar um discurso, um argumento, super destrinchado teoricamente e conceitualmente. É algo que dura e persiste; é uma tradição que está o tempo todo

em movimento e em transformação.

Lucia: Os mestres e os professores chineses, ao falar dos movimentos das artes corporais, diziam dos seus benefícios, mas não explicavam como se alcançavam estes benefícios. A função rege a forma. Nas práticas, que são holísticas, pode-se ver por vários ângulos. O que norteia é você ter um objetivo. Um movimento realizado de forma holística pode servir para várias coisas, mas tem que se ter uma meta. Então, todo o movimento é orientado para aquela meta.

Julia: Desenvolver nessa direção.

Lucia: Sim, porque é holístico. Você tem que ter uma meta consciente...

Julia: Talvez, também seja por isso que as práticas sejam inesgotáveis e existam há muito tempo. E, pelo visto, vão continuar existindo. Porque sempre dá pra relacionar com outras dimensões.

Lucia: Sim.

Julia: Uma coisa que eu queria perguntar, para terminar mesmo. Se você quiser falar sobre a sua família, pensando nas práticas e na relação com a cultura chinesa. Esse trânsito de estar aqui e lá ao mesmo tempo. De ter vindo de lá para cá e da sua família ter se mantido aqui. Qual a relação deles com esse trânsito, de estar aqui, mas ter vindo de lá, esse dentro e fora. Tem a sua prima Nancy que tem a prática com a pintura e os seus sobrinhos que tem a prática da culinária e que fazem algumas comidas para celebrar as comemorações chinesas. Me veio como duas práticas também, que estão relacionadas com esse encontro com a cultura de origem.

Lucia: A minha prima Nancy chegou ao Brasil com 20 e poucos anos. Então, ela teve muita influência da cultura chinesa. Na China, na sua infância e juventude, ela aprendia e praticava artes marciais: bastão, espada, exercícios etc. Ela foi uma referência dessas práticas para mim e para os seus filhos. E, como para os chineses a comida é um aspecto muito importante, parte da família desenvolveu o interesse pela gastronomia, não só a chinesa, mas também pela gastronomia internacional. Na China Antiga, o refinamento da comida que se punha na boca era importante para o refinamento do seu ser. Inclusive, nas biografias de homens famosos constam os pratos que eles apreciavam ou mesmo pratos que tinham criado.

Julia: Então, a comida é um dado importante sobre uma pessoa. Tem que ter em uma biografia, por exemplo.

Lucia: É, tem que ter. A comida é muito importante devido a China ter sofrido muito com a escassez de alimento. Por isso, um cumprimento habitual ao se encontrar uma pessoa era: "Você já comeu?" Eu acho que meu pai, quando veio para o Brasil, pensava que, aqui, a gente nunca ia passar fome. Porque as frutas

caiam na cabeça das pessoas. Podia até ter escassez, mas não fome. Com tanta área agricultável, rios etc. Na China, só 7% de seu território é agricultável. O resto, é deserto, montanhas.